

O Almanaque de Fábula

Tradução de Fernanda Scheeren

Em um belo e distante reino, de onde se conta a lenda de que o sol nunca se põe em seus jardins eternamente verdes, reina, desde o princípio até os dias de hoje, a rainha Fantasia. Sempre atarefada, já há muitos séculos ela iluminava os seus com uma bênção abundante, e era amada e admirada por todos que a conheciam. Porém, o coração da rainha era grande demais para que ela se contentasse em fazer caridade apenas para seu país. Com o nobre adorno de sua eterna juventude e beleza, desceu pessoalmente até a Terra, pois ouvira falar que lá moravam pessoas que passavam a vida sérios e tristes, sempre com muito esforço e trabalho. Levava-lhes as mais belas dádivas de seu reino e, desde que a bela rainha passara a andar pelos caminhos da Terra, as pessoas eram felizes com o trabalho e alegres em sua seriedade.

Também seus filhos, não menos belos e queridos do que a nobre mãe, eram enviados para tornar as pessoas felizes. Certo dia, Fábula, a filha mais velha da rainha, voltara da Terra. A mãe percebeu que Fábula estava triste e teve a sensação de que ela havia chorado.

– O que tens, querida Fábula? – disse a mãe à filha. – Desde tua viagem estás tão triste e abatida. Não queres confiar à tua mãe o que te falta?

– Ah, querida mãe, – respondeu Fábula, – eu certamente não teria ficado calada por tanto tempo, caso não soubesse que minha mágoa também é a tua.

– Fala, minha filha, – pediu a bela rainha – a aflição é uma pedra que abala o solitário, mas que se torna mais leve se for carregada por dois.

– Tu queres, – respondeu Fábula – então escuta. – Sabes o quanto eu gosto de estar com as pessoas, o quão alegremente me sento com os mais pobres diante de suas choupanas para conversar com eles por um momentinho após o trabalho. Eles logo estendiam a mão com igual gentileza quando eu chegava e,

sorridentes e satisfeitos, acompanhavam-me com a vista enquanto ia embora. Mas, nesses últimos dias, não é mais assim!

– Pobre Fábula! – disse a rainha, enquanto acariciava sua face, que estava úmida por causa de uma lágrima. – Mas talvez apenas seja apenas tua imaginação?

– Acredita em mim, percebo claramente que eles não me amam mais – replicou Fábula. Em toda parte em que chego, não sou benquista. Até as crianças, que sempre amei, riem de mim com ceticismo e logo me viram as costas.

A rainha apoiou a testa na mão e calou-se, pensativa.

– E o que aconteceu, Fábula, – perguntou a rainha – para as pessoas lá embaixo mudarem tanto?

– Olha, as pessoas recrutaram guardiões astutos, ó rainha Fantasia, que examinam e perscrutam com olhares penetrantes tudo o que vem de teu reino. Quando aparece alguém que não é de seu gosto, dão início a uma grande gritaria, espancam-no até a morte ou lançam muitas calúnias nas quais todos acreditam. O resultado é que não se encontra mais amor algum, sequer um pouquinho de confiança. Ah, como as coisas são boas para os meus irmãos, os Sonhos. Saltitam leves e felizes para a Terra, nada perguntam para aqueles homens sagazes, visitam os humanos que dormitam e tecem e desenharam o que traz felicidade ao coração e alegria aos olhos!

– Teus irmãos são fugazes – disse a rainha – e tu, minha querida, não tens motivos para invejá-los. Ademais, eu conheço bem aqueles guardiões. Os humanos não estão tão equivocados ao recrutá-los. Muitos embusteiros aparecem por lá e afirmam serem de meu reino, quando, na verdade, apenas haviam vislumbrado o reino do alto de uma montanha, quando muito.

– Mas por que obrigam a mim, tua própria filha, pagar por isso? – Ah, se tu soubesses o que fizeram comigo... eles me insultavam de solteirona e ameaçavam nunca mais me deixar entrar.

– Como assim? A minha filha? Nunca mais entrar? – exclamou a rainha, e a cólera enrubescou sua face. – Mas agora vejo de onde vem isso. A tia má nos caluniou.

– A Moda? Não é possível! – disse Fábula –. Ela sempre se mostra tão gentil.

– Oh, eu a conheço, a falsa. – respondeu a rainha. – Mas insiste, minha filha, apesar dela. Quem deseja fazer o bem não pode descansar.

– Ah, Mãe! E se eles me rejeitarem ou me caluniarem, e fizerem com que os humanos não me enxerguem ou me abandonem sozinha e desprezada em algum canto?

– Se os velhos, enfeitados pela Moda, te desprezarem, volta-te então aos pequenos. Eles são realmente meus preferidos, a eles envio minhas mais doces imagens através de teus irmãos, os Sonhos, muitas vezes até eu mesma flutuei até eles, abracei-os, beijei-os e fiz lindas brincadeiras com eles. Eles também me

conhecem bem. De fato, eles não sabem meu nome, mas muitas vezes percebi como sorriem, à noite, para minhas estrelas. Pela manhã, quando minhas ovelhinhas brilhantes percorrem o céu, batem palmas de alegria. E eles seguem me amando quando ficam maiores; ajudo as doces meninas a tecer coloridas coroas. Já os agitados meninos ficam mais calmos quando eu me sento com eles sobre o topo de rochedos e, em meio à névoa das distantes montanhas azuis, apresento-lhes altos castelos e esplêndidos palácios e faço aparecerem valentes cavalgadas e maravilhosas peregrinações nas nuvens avermelhadas do anoitecer.

– Oh, as crianças! – exclamou Fábula, emocionada. – Sim, poderia ser! Eu vou tentar mais uma vez com elas.

– Sim, minha bondosa filha – disse a rainha – vai até elas. Mas eu quero te vestir um pouco melhor, para que agrade aos pequenos e os grandes não te rejeitem. Vê, eu quero te dar o traje de um Almanaque.

– Um Almanaque, mãe? Ah, eu terei vergonha de ostentá-lo aos humanos.

A rainha acenou e as criadas trouxeram o fino traje de um Almanaque. Ele era tecido com cores reluzentes e belas figuras.

Osaios trançavam os longos cabelos da linda menina, amarravam-lhe nos pés sandálias douradas e vestiam-lhe o traje.

Fábula, modesta, não se arriscou a levantar os olhos. Mas a mãe encarou-a com admiração e segurou-a em seus braços.

– Vá, – disse para a pequena – tens minha bênção. Caso eles te desdenhem ou zombem de ti, volta para mim. Talvez a próxima geração, mais fiel à natureza, volte seus corações para ti. Assim falou a rainha Fantasia. Fábula, então, desceu à Terra. Com o coração palpitante, aproximou-se do lugar no qual estavam a postos os astutos guardiões. Ela baixou a cabecinha, cobriu-se com o belo traje e, com passos hesitantes, aproximou-se do portal.

– Para! – exclamou uma profunda e áspera voz. – Atenção, guardas! Lá vem um novo Almanaque!

Fábula estremeceu quando o ouviu. Muitos homens de idade, de aparência sombria, se aproximaram. Eles tinham penas aguçadas nas mãos e apontavam-nas para Fábula. Um deles caminhou em direção a ela e segurou seu pequeno queixo com a mão áspera.

– Levante a cabeça, senhor Almanaque, – gritou ele –, que seus olhos mostrem se é autêntico ou não.

Corada, Fábula endireitou a cabecinha para o alto e abriu seus negros olhos.

– A Fábula! – exclamaram os guardiões, e riram às gargalhadas. – A Fábula! Estávamos estranhando o que víamos! Por que vens com este traje?

– Foi presente de minha mãe – respondeu Fábula.

– É mesmo? Ela quer fazer-te infiltrar em nossas terras? Nada disso! Levanta-te e sai! – exclamavam os guardiões, erguendo as afiadas penas.

– Mas eu só quero ter com as crianças – pediu Fábula. – Permitam isso.

– Já não há um número suficiente de pessoas desprezíveis a perambular por este país? – exclamou um dos guardiões, – elas apenas contam tolices a nossas crianças.

– Vamos ver o que ela sabe desta vez! – falou outro.

– Está certo – exclamaram – diz o que sabes, mas te apressa, pois não temos muito tempo para ti!

Fábula estendeu sua mão e, com o indicador, desenhou vários símbolos no ar. Então viam-se passar coloridas silhuetas: caravanas com belos cavalos, cavaleiros ornados, muitas tendas na areia do deserto, pássaros e navios em oceanos tempestuosos, plácidas matas e praças e ruas populosas, batalhas e nômades pacíficos. Todos pairavam como vívidas figuras, em uma colorida confusão.

Fábula, no zelo com o qual fazia ascender as figuras, não percebera que os guardiões do portal, pouco a pouco, haviam adormecido. Ela estava desenhando um novo símbolo quando um homem gentil aproximou-se e tomou-lhe a mão.

– Vê, bondosa Fábula, – disse ele, enquanto mostrava-lhe os que ali dormiam – para eles, tuas coisas coloridas nada importam. Passa rapidamente pelo portal. Eles não perceberão que estás no país e, assim, poderás seguir teu caminho tranquila e discretamente. Eu quero te levar até meus filhos. Em minha casa terás um cantinho calmo e agradável. Lá poderás viver. Se meus filhos e minhas filhas aprenderem bem, poderão levar seus companheiros até ti e te escutar. Que te parece?

– Oh, com grande prazer te seguirei até teus queridos filhinhos. E muito quero me aplicar para dar-lhes um momento de alegria!

O bom homem acenou gentilmente com a cabeça e ajudou-a a passar sobre os pés dos guardiões que dormiam. Fábula, sorrindo, passou rapidamente pelo portal.